

A classe empresarial retoma as perspectivas para planejar seus negócios. Esta foi a opinião dominante entre importantes empresários nacionais e estrangeiros que se encontraram com o ministro Mailson da Nóbrega, da Fazenda, na última sexta-feira.

A base dessa confiança assenta-se nas colocações feitas pelo próprio Mailson aos dois grupos de empresários e executivos, nacionais e estrangeiros, reunidos em São Paulo — os nomes foram selecionados pelo Ministério.

"Esse foi um encontro mais informativo do que reivindicatório", afirmou Laerte Setúbal, do conselho de administração da Duratex e diretor da Cofap. "O Mailson fez uma avaliação da economia, demonstrando que tem conhecimento da situação. Hoje se pode falar que a economia está com um comportamento previsível", colocou.

Entre os pontos positivos extraídos do encontro, o empresário Bruno Nardini, da Indústrias Nardini, disse que Mailson "esperava para a próxima semana a conclusão das negociações com os bancos internacionais e o Fundo Monetário Internacional (FMI) sobre a dívida externa". E Nardini acrescentou: "O próximo passo, segundo o ministro, é ir ao Clube de Paris".

Segundo o empresário Cláudio Bardella, do grupo Bardella, Mailson atendeu, enquanto desenrolava-se a reunião, a dois chamados

As preocupações do comércio

por Antônio Costa Filho
de São Paulo

A principal preocupação levada pelos empresários do setor do comércio ao ministro Mailson da Nóbrega, da Fazenda, foi a abrupta queda das operações de venda a crédito. O setor, que esteve representado por Jorge Simeira Jacob, do grupo Fenícia/Arapuã; Carlos Antonio Rocca, do magazine Mappin; e Frederico Lundgreen, da cadeia Casas Pernambucanas, também expôs ao ministro dúvidas quanto aos índices que medem o desempenho do comércio.

O grupo Pernambucanas, segundo Lundgreen, anotou uma redução nas compras a crédito devido aos elevados custos do dinheiro. Antes da disparada da inflação, após a vigência do Plano Bresser, os negócios a crédito movimentavam até 60% das operações comerciais das lojas Pernambucanas. Essa participação, atualmente, não passa dos 30%, segundo o empresário.

"As vendas a prazo estão



Frederico Lundgreen

indo em direção ao fim", conta Lundgreen. "Um crédito em cinco meses custa mais que o dobro da mercadoria." Segundo ele, o ministro não apresentou nenhuma solução para este caso. "Com a queda do déficit e a redução da inflação o problema pode encontrar solução natural."

Mailson, afirma o diretor das Pernambucanas, reafirmou a permanência da atual

correção dos salários, por meio da taxa da URP. Ele também colocou que a Fazenda não pensa em nenhuma medida heterodoxa para controlar a inflação. "É preferível uma queda gradual como o último índice aponta, do que um artifício para baixar a pressão inflacionária. Este último pode ser pior por causa do repique."

O empresário Laerte Setúbal, da Duratex e da Cofap, concorda com o diretor das Pernambucanas na avaliação sobre a inflação. "O comportamento do índice de inflação, embora alto ainda, tem sido mais constante e permite prever os custos da produção", diz.

Segundo Setúbal, ao falar sobre o desempenho do varejo, Rocca apontou a inconsistência das taxas que medem a situação do setor. O diretor do Mappin, de acordo com Setúbal, afirmou que em alguns segmentos do comércio há queda de 20%, como há outros com aumento dos negócios em 20%.

de Nova York — onde encontram-se os negociadores brasileiros junto aos representantes dos bancos credores. "O combate ao déficit público e o acerto externo são prioritários para esse Ministério", diz Bardella. "Mailson vê uma solução a curto prazo para

a dívida externa brasileira", revela o empresário.

TAXA CAMBIAL

O tema da defasagem cambial, a qual tem levado à perda de competitividade de alguns produtos de exportação brasileiros, também teve parte na conversa entre empresários e o ministro da Fazenda. Segundo Nardini, Mailson afirmou aos empresários que qualquer mudança na taxa cambial neste momento resultaria numa pressão negativa sobre o déficit público. "Cerca de 80% da dívida externa brasileira está nas contas do governo", disse o ministro,

segundo Nardini, aos oitavos.

Apesar do vigor de alguns produtos da exportação nacional constatado pelos resultados da balança comercial, o empresário Abraham Kasinsky, presidente da Cofap, afirma que está tendo prejuízo nas exportações por causa da defasagem cambial. "Não estou perdendo mercado, mas dinheiro", diz. "Se antes as vendas externas eram uma agente de rentabilidade, hoje seus resultados já são negativos", argumenta. A Cofap, segundo ele, vende a 88 países e contabiliza uma defasagem atualmente de 18%.

Diminui interesse dos investidores europeus

por Yves Léon Winandy
de Belo Horizonte

O empresariado europeu está menos interessado em investir no Brasil, hoje, do que há um ou dois anos mas não deixa de procurar fazer negócios com empresas brasileiras, desta vez no campo da transferência tecnológica ou do licenciamento de marcas e produtos. Essa mudança de atitude deve-se às informações que os empresários europeus têm recebido, ultimamente, a respeito das tendências nacionalistas na Assembléia Nacional Constituinte, informou uma fonte mineira.

"Estive na Feira de Hannover (Alemanha Ocidental), em abril, evento que considero uma espécie de termômetro da Europa, em termos empresariais. Desta vez, senti que mudou a forma de pensar do empresário europeu com relação a nosso País. Agora, eles não estão querendo aplicar capitais mas, sim, fazer acordos de transferência de tecnologia ou licenciamento", informou ontem,

em Belo Horizonte, Eduardo Mello da Costa Cruz, superintendente de promoção internacional do Instituto de Desenvolvimento Industrial de Minas Gerais (Indi).

Essa mudança de opinião, disse, deve-se principalmente ao receio de que a Assembléia Nacional Constituinte venha restringir ainda mais a liberdade de ação do capital estrangeiro no Brasil. "Eles propõem acordos de transferência de tecnologia, ou de licenciamento, como uma forma de demonstrar que ainda estão interessados no País, mas sem correr os riscos inerentes a variações muito intensas da política econômica", avaliou Cruz.

"Isto é uma confirmação de tudo que tenho ouvido (de empresários estrangeiros). Se eliminarmos a xenofobia (da Constituição e da política industrial) há um volume de capital represado que pode ingressar no Brasil maciçamente", afirmou o superintendente do Indi.